

Tradução do russo e edição por CN, 20.04.2016

(original em: [http://publ.lib.ru/ARCHIVES/P/PRUDNIKOVA\\_Elena\\_Anatol'evna/Prudnikova\\_E.A.\\_Posledniy\\_boy\\_Lavrentiya\\_Berii.\(2008\).\[rtf-ocr\].zip](http://publ.lib.ru/ARCHIVES/P/PRUDNIKOVA_Elena_Anatol'evna/Prudnikova_E.A._Posledniy_boy_Lavrentiya_Berii.(2008).[rtf-ocr].zip))

---

## **A última batalha de Lavrénti Béria (III)**

*Entrevista com Elena Prudnikova*<sup>1</sup>

**Iúlia Siroejina**

**Khruchov teve medo de quê?**

*(Qual foi o motivo do XX Congresso?)*

– **Portanto insiste em que os acontecimentos de 26 de Junho de 1953 foram um golpe de Estado real?**

– Bom, como dizem os cientistas, primeiro temos de nos entender sobre os termos. O que é um golpe de Estado? É uma acção violenta que visa forçar a destituição de alguma das primeiras figuras do Estado, em resultado da qual se altera o regime ou a linha política do governo. Houve acções violentas? Sim. Houve a destituição forçada de uma das primeiras figuras do Estado? Sim, o assassinio premeditado da segunda figura do Estado, que aliás era a pessoa que determinava a política. Alterou-se o regime? Se olharmos para o *status quo*, podemos dizer que não se alterou. Mas se olharmos para o vector do movimento, então teremos um quadro completamente diferente. Desde 1934 que se observava uma gradual limitação do poder do PCU(b), ao ponto de, depois da morte de Stáline, a primeira figura do Estado ser considerada oficialmente não o secretário do partido, mas o presidente do Conselho de Ministros. Depois do 26 de Junho de 1953, o processo inverteu-se e quase imediatamente a primeira figura do Estado tornou-se o primeiro-secretário do CC do PCUS, mais tarde designado secretário-geral do CC do PCUS. Foi precisamente sobre isto (sobre a anterior menorização do papel do partido e sobre o papel que passaria a ter no país) que se falou no plenário do CC de Julho. Ou seja, o regime alterou-se: em vez de um Estado que caminhava para a democracia, obtivemos uma ditadura do partido que em breve degeneraria numa ditadura da oligarquia do partido. A linha política também se alterou, mas este é um assunto que precisa de ser tratado à parte. De modo que temos o mais autêntico e genuíno golpe de Estado. E este facto, se o tivermos presente, coloca muitos acontecimentos daquele tempo sob uma luz completamente

---

<sup>1</sup> Elena Prudnikova é escritora e historiadora russa. A presente entrevista (cuja publicação integral agora se conclui) foi incluída como posfácio do seu livro *A Última Batalha de Lavrénti Béria*, OLMA, Media Grupp, Moscovo, 2008. (N. Ed.)

diferente. Até me surge a ideia bárbara de que, possivelmente, aquela torrente de lama lançada no XX Congresso, para a qual por enquanto não existe explicação, serviu para encobrir o facto de Khruchov ter chegado ao poder em resultado de um golpe de Estado.

– **Não estará a ser vítima de uma aberração óptica?**

À medida que aprofundo o estudo daquela época vou corrigindo cada vez mais as minhas aberrações ópticas. Temos uma noção terrivelmente distorcida das proporções. Vemos de forma completamente inadequada os acontecimentos de então e por isso não conseguimos imaginar o que era e o que não era importante para as pessoas daquele tempo. Coloquemos as coisas de uma forma muito simples. Que razão terá levado Khruchov a iniciar essa história da reabilitação? Não havia nenhuma vantagem nem para ele nem para o partido, sob qualquer perspectiva. A reabilitação enlaameava o partido e atingia directamente Khruchov, que esteve envolvido nas repressões, e todos se lembravam disso. Stáline estava morto, ninguém tinha sido acusado de assassinio do líder, a sua época estava encerrada, para quê então agitar tudo isto? Não faz sentido que Khruchov tenha espezinhado Stáline apenas porque era Stáline. As repressões eram também um tema encerrado, e ninguém ligado ao poder estava interessado em levantá-lo novamente.

– **No seu livro «Os Artífices do Terror» [2007] afirma que a razão histórica do discurso foi a intensa participação de Khruchov nas repressões e o facto de isso poder ser usado como um trunfo pelos seus adversários.**

– Hoje penso de outra forma, precisamente porque tenho vindo a corrigir as aberrações de óptica. Em todo o caso a razão desses passos só pode ter sido o desejo de Khruchov de consolidar a sua posição. E isto significa que essa posição não era sólida. Mas então porque é que se sentia ameaçado e quais as consequências que poderia sofrer no caso de perder o poder? Todos estes movimentos de pânico deixam a impressão de que tinha um medo mortal de alguma coisa. De quê exactamente?

– **E o que nos pode adiantar?**

– Imediatamente a seguir ao golpe de Estado, Khruchov estava muito inseguro. Tendo usurpado o poder pela força, colocara todo o *Politburo* contra ele, de modo que apenas podia contar com os comparsas golpistas. Penso que não fosse o exército e teria sido afastado instantaneamente. Não foi por acaso que o primeiro despacho de «reabilitação» de Khruchov foi a famigerada libertação dos generais.

– **Mas quem se opunha a Khruchov?**

O velho *Politburo* de Stáline. Aqueles a quem depois chamaram de «grupo anti-partido». Estou convencida de que estas pessoas, vendo-se sob a tutela de Khruchov, o odiavam ferozmente. E elas eram uma força temível, uma vez que a base da sua autoridade era o nome de Stáline. Para os afastar era preciso destruir a base. Assim, Khruchov destruiu Stáline não como seu antecessor, mas como alicerce no qual se apoiavam pessoas que representavam um perigo mortal para ele, e – o principal – como alicerce no qual se apoiava Béria. Eliminar um discípulo leal de Stáline, o sucessor do grande líder, era uma coisa. Outra bem diferente seria eliminar um

monstro, o cão raivoso de um tirano sanguinário. Há aqui uma diferença, verdade? Só existe uma explicação e de certo modo uma justificação para tudo isto: Khruchov lutou pela vida.

– **Mas qual era a ameaça?**

– A pena máxima, de acordo com o Código Penal daquele tempo. Por isso tinha tanto medo de perder o poder, uma vez que, segundo a boa tradição soviética, depois disso seriam levantadas todas as acusações existentes contra essa pessoa. Que acusações podiam ser apresentadas contra Khruchov? A participação na organização das repressões? Se não foi executado no local juntamente com Éikhe e outros é porque conseguiu livrar-se dessa acusação logo em 1939. Pelo assassinio de Stáline? Quem sabia disso? Mas o golpe de Estado e o assassinio de Béria eram acusações que segura e inevitavelmente o encostariam ao muro. Aliás, foi por essa razão que demorou tanto tempo a afastar o marechal Júkov, apesar de este ser seu concorrente. Mas ambos tinham inimigos comuns muito mais perigosos. Isto também explica os esforços desesperados de Júkov para manter Khruchov no poder: em caso de fracasso o seu destino acabaria junto ao mesmo muro.

– **Afirma que o «marechal Vitória» participou no *putsch*?**

– Em primeiro lugar ele está presente como um dos actores daquele dia na maioria das memórias deixadas por participantes e testemunhas do golpe de Estado. Em segundo lugar a mais simples lógica diz-nos isso mesmo. Bulgánine, de modo geral, não era ninguém nas Forças Armadas. Veja que no dia 26 de Junho os comandantes das forças terrestres e da força aérea tinham ordem para ocupar Moscovo e estarem preparados para bombardear a cidade, nem mais nem menos! E de acordo com [o historiador] Andrei Sukhomlinov, essa ordem foi verbal. Imagina uma coisa destas? Para aceitarem fazer uma coisa semelhante, era preciso que essa ordem tivesse sido dada por alguém com muito mais autoridade do que Bulgánine. Na cúpula militar daquele tempo só havia uma pessoa com tal autoridade: o marechal Júkov. Um indício indirecto de que a parte militar do golpe era representada precisamente pelo marechal foi a súbita libertação dos seus favoritos imediatamente após a tomada do poder. De modo que, enquanto Khruchov e Júkov tiveram pela frente inimigos como Mólotov e outros velhos «*stalinistas*», ambos estavam no mesmo barco. Por isso, aliás, o marechal nem sequer tentou tomar o poder, pois teria de se confrontar com eles cara a cara.

– **Mas depois Khruchov também se livrou dele...**

– Depois tornaram-se concorrentes, e Khruchov antecipou-se. ... Mas nesta perspectiva os actos do «*querido Nikita Serguéievitch*» tornam-se bastante lógicos. Os seus adversários eram os membros do *Politburo* de Stáline, camaradas de Béria. Sobre ele pendia o fuzilante artigo 58-1 do Código Penal.

– **Porque é que essas acusações não foram feitas a Khruchov em 1964?**

– Por muitas razões. A situação política tinha mudado, tinha mudado a própria vida. Os que chegaram ao poder já não eram stalinistas, mas uma nova geração. Eram outras pessoas, que não tinham contas a ajustar com Khruchov, antes lhe deviam

favores em muitos casos. Por isso afastaram-no sem alarido. Além disso Khruchov tinha um defensor de respeito. O secretário-geral tinha feito uma aposta muito inteligente na intelectualidade soviética e conseguiu em dez anos de governação fazer dela um tal monstro que era temida até pelo próprio *Politburo*. Em meados dos anos 60, quando se discutiu uma questão ligada com um aniversário de Stáline, logo se ouviu de viva voz: *não pode ser, isso vai irritar a intelectualidade*. O facto é que ainda hoje a intelectualidade venera Khruchov, apesar da história, apesar de tudo...

– **Porque é que não gosta da nossa intelectualidade?**

– Pelo seu diletantismo. O mais perigoso que pode existir em qualquer causa é um diletante vociferante e presunçoso. É nisto que consiste o papel social da intelectualidade, fazer julgamentos sobre tudo, não compreender nada em profundidade e não assumir qualquer responsabilidade. Quais são os nomes mais sonantes dos políticos da perestroika? O físico Sákharov, o filólogo Likhatchev, o jurista Sobtchak... Não há um especialista no domínio da administração do Estado, no entanto todos dão conselhos precisamente neste domínio, conselhos que, como dizia o professor Preobrajenski, são de «*escala cósmica e de uma estupidez cósmica*». Mas há receio de se falar disto. São professores, membros da academia, todos com graus científicos, todos muito inteligentes... Para onde pensa que Sákharov mandaria Likhatchev se este começasse a ensinar-lhe Física? É melhor não dizer, certo? Mas em política tudo é possível! O resultado foi o que se viu, um horror!

De um modo geral, o *Politburo* não se relacionava com os intelectuais, mas estes espalhavam a confusão na cabeça do povo. Depois pareceu que tudo se tinha acalmado, tudo pertencia já ao passado, que não havia mais nada para remexer... Porém hoje vemos que não foi assim, as sementes do XX Congresso germinaram e espigaram.

– **Receio que agora seja difícil falar sobre «os erros».**

– Sim, claro. A maioria da população pensa que isso não é necessário. E sinceramente não compreende por que razão se vive nesta porqueira. Estou convencida de que a Rússia não terá futuro enquanto não esclarecer o seu passado.

– **«O morto apodera-se do vivo»?<sup>2</sup>**

– Diria que não se apodera. Não o retém. Vissótski tem uns versos geniais: «*Os nossos mortos não nos deixam na desgraça*». Símonov tem algo semelhante no poema «*Campo Sem Nome*», e Gálitch também. E isto é apenas a tradução poética daquilo qualquer pessoa sabe instintivamente: o povo não é constituído apenas pelos vivos. O povo é constituído pelos vivos e pelos mortos, com os quais devemos relacionar-nos em conformidade. Não trata simplesmente de terem caluniado e difamado Stáline, de terem assassinado e difamado monstruosamente Béria. O nome destas pessoas está ligado a uma época grandiosa e a grandiosas realizações. Nós vivos apoiamos-nos nos ombros dos nossos mortos, e como poderão eles manter-nos sobre os seus ombros se nós os desprezamos? Como poderão ajudar-nos? Eis pois a situação com que nos debatemos: as gerações que nos antecederam não nos apoiam e as de tempos mais remotos não estão ao nosso alcance.

---

<sup>2</sup> Tradução da expressão francesa, «*le mort saisit le vif*», utilizada por Karl Marx no prefácio à primeira edição de *O Capital*. (N. Ed.)

- **Em contrapartida há outros mortos que «ajudam»...**
- Pois sim, «ajudam». Decerto que não foram Stáline e Béria que traçaram o destino dos «perestroikistas»...
- **A propósito como interpretar a última cena do último capítulo?**
- Refere-se ao laranjal? Muito simplesmente. É a ideia cristã de que a morte não existe...
- **Mas eles eram ateus...**
- Mas eu não sou. E mesmo quanto a eles sabemos muito pouco. Em particular Stáline, que é neste sentido uma figura controversa...
- **E Béria?**
- Sobre Béria então não se sabe nada. Falava pouco sobre Filosofia e mais sobre mísseis...
- **Sobre Stáline está claro, basta a vitória na Grande Guerra Patriótica. Mas que realizações estão ligadas ao nome de Béria? É possível que tenha sido uma figura política notável, mas o que fez de concreto?**
- Antes de mais, o seu nome está ligado a todas as guerras que não perdemos na segunda metade do século XX! Foi graças à sua direcção que ficou garantida a existência da URSS de Khruchov e de Bréjnev, e mesmo da actual Rússia.
- **Refere-se à bomba atómica e aos mísseis?**
- Mas é claro! Onde estaríamos agora sem o nosso complexo de Defesa? Só não nos destruíram definitivamente ainda porque continuamos a ter mísseis nas rampas. Sem eles há muito que seríamos uma grande Jugoslávia. Ou pensa que os *yankees* arriscariam bombardear a Sérvia se os sérvios tivessem bombas de hidrogénio? Só a possibilidade de mais algum país conseguir criar a bomba atómica deixa a comunidade mundial num estado de histeria, porque isso significa que seria mais um país que não podia ser dominado com a ajuda de bombardeiros. A nossa arma atómica é o garante da nossa segurança. Sob a direcção directa de quem foi criada a «Defesa» soviética?
- **A propósito deste assunto: é verdade que os serviços secretos americanos participaram nos acontecimentos de 26 de Junho?**
- Pode ser verdade e o mais certo é ser verdade. Simplesmente não existem indícios directos. Por enquanto... Mas todas as considerações feitas no livro a este propósito são legítimas. O Serviço Federal de Segurança que investigue os indícios se assim o entender... Penso que os encontrará sem dificuldade.
- **Porque é que se opõe à apresentação de um processo nos tribunais para a reabilitação de Béria?**

– Não só dele mas de todos aqueles que foram mortos com ele. Porque a reabilitação não é de toda a depuração da memória dos inocentes executados, mas a lavagem da toga da justiça soviética. Não, prefiro que a nódoa dessas sentenças fique para sempre nas suas vestes. No tempo de Khruchov as reabilitações, apesar de tudo, tinham algum sentido: aos herdeiros dos executados eram devolvidos os bens, atribuíam-lhes pensões, etc. Hoje nem isso já faz sentido. Logo para quê? Eles foram presos em nome do Estado, a Justiça também é um serviço do Estado, portanto o Estado, se quiser, que se preocupe com todos estes processos de reabilitação.

– **Não seria bom para a nossa sociedade?**

– Para quê? A sociedade precisa de uma reabilitação social e não judicial. Além disso, a condenação judicial de pessoas como Béria, do ponto de vista histórico, é a condenação dos regimes de Khruchov e pós-Khruchov, para quê anulá-la?

– **Pensa que algum dia no nosso país será erguido um monumento a Béria?**

– Provavelmente o melhor local seria na marginal Kotelnitcheskaia ou na Praça da Insurreição em Moscovo. Na sua juventude, Béria queria ser arquitecto e os edifícios que existem nestes locais são a materialização do seu sonho de uma vida nova. Aliás, são edifícios de uma beleza impressionante. Mas conheço um lugar onde está pendurado o seu retrato. É o museu regional da cidade de Sarov, antiga Arzamas-16.<sup>3</sup> Tanto quanto sei é o único retrato exposto no país. A propósito, perguntam-me com frequência porque é que estudo este tema. Respondo sempre da mesma maneira. Béria foi um grande homem que dedicou toda a sua vida ao seu país. Assassinarão-no, caluniarão-no e agora dizem que isso foi há muito tempo, agora a vida é totalmente diferente. Enquanto nos comportarmos desta maneira, seremos como as personagens da anedota sobre a minhoca e a sua pátria.<sup>4</sup> «*Pai, porque é que nós vivemos neste monte de esterco?*» E para que a nossa Pátria não seja um monte de esterco, é preciso limpá-lo. Se não fizermos nada, ninguém nos dará outra Pátria limpa e agradável. Isto, aliás, não se refere apenas a Béria, mas a muitas outras coisas, tanto pessoas como assuntos.

---

<sup>3</sup> «Arzamas-16» era o nome oficial das instalações onde foi desenvolvida a primeira bomba atómica soviética. O equipamento situava-se na cidade de Sarov, no centro da parte europeia da Rússia. (N. Ed.)

<sup>4</sup> A anedota é a seguinte: «*De manhã, no curral, duas minhocas arrastam-se no cimo de um monte de esterco. A minhoca mais pequena pergunta à maior:*

– *Pai, não podíamos viver numa maçã?*

– *Lá poder, podíamos, filho.*

– *Pai, não podíamos viver num ananás?*

– *Lá poder, podíamos, filho.*

– *Pai, então porque é que nós vivemos no meio da merda?*

– *Compreendes, filho, é que existe a palavra Pátria».*